



REVISTA

# Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | Fluxo contínuo

## A constituição da identidade docente em suas práticas cotidianas: diálogos entre Certeau e os métodos do espaço biográfico

The constitution of teacher identity in their daily practices: dialogues between Certeau and biographical space methods

*La construcción de la identidad docente en sus prácticas cotidianas: diálogos entre Certeau y los métodos del espacio biográfico*

Julio Cesar Floriano dos Santos  
Raquel Quintina Pereira Bard  
Sandra Novais Sousa

### RESUMO

Este artigo tem a intenção de provocar um diálogo entre os métodos do espaço biográfico e alguns conceitos e teorias de Certeau, no que se refere ao estudo da construção da identidade docente no cotidiano de suas práticas. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e, como resultados, apontamos que a identidade docente é produzida em uma história, pois os processos de formação são fontes para a produção de uma narrativa no presente, a qual, ao ser revisitada, contribui para uma ação transformadora e reflexiva. Concluímos que esse diálogo contribui para compreender a construção da identidade docente e as condições de reflexão e transformação de suas práticas.

**Palavras-chave:** Michel de Certeau; Narrativas; Identidade docente.

### ABSTRACT

This paper aims to stimulate a dialogue between the methods of biographical space and some concepts and theories of Certeau regarding the study of the construction of teacher identity in the daily practices. Was the bibliographical research and the results indicate that teacher identity is shaped within a history, and that the training processes serve as sources for the creation of a narrative in the present, which, upon revisitation, contributes to transformative and reflective action. We conclude that a dialogue enhances our understanding of teacher identity construction and the conditions for reflection and transformation in their practices.

**Keywords:** Michel de Certeau; Narratives; Teaching identity

### RESUMEN

Este artículo tiene la intención de iniciar un diálogo entre los métodos del espacio biográfico y teorías de Certeau, en lo que respecta la construcción de la identidad docente en el contexto cotidiano de sus prácticas. Se llevó a cabo una investigación bibliográfica y los resultados indican que la identidad docente se construye dentro de una historia, y los procesos de formación sirven como fuentes para la producción de una narrativa, que, al ser revisada, contribuye a una acción transformadora y reflexiva. Concluimos que este diálogo contribuye a comprender la construcción de la identidad docente y las condiciones para la reflexión y transformación de sus prácticas.

**Palabras clave:** Michel de Certeau; Narrativas; Identidad docente

## Introdução

A insatisfação com o tipo de saber produzido nas Ciências Sociais a partir do paradigma cartesiano/positivista e de sua compreensão macro dos fatos e fenômenos possibilitou o surgimento de novos paradigmas de pesquisa, guiados por uma visão heurística e pela valorização das micro histórias (NÓVOA, 1993; SANTOS, 2005). As pesquisas que utilizam da memória para produzir conhecimento científico, entre as quais se incluem as investigações com narrativas, histórias de vida, diários, biografias e autobiografias, são exemplos que se inserem nesses novos modos do fazer científico.

Historicamente, a Escola dos Annales se constituiu em um marco para essa transição paradigmática, no que se refere à ampliação das possibilidades de investigação da história e das relações humanas. Nesse movimento, priorizou-se a substituição das narrativas dos fatos oficiais - história dos fatos - por uma história problema. Passou-se a questionar e a colocar em dúvida a história contada pelos vencedores, a partir da premissa de que as biografias de pessoas comuns podem ser fonte de conhecimento histórico, que existem histórias vivas na memória e na oralidade, história dos seres humanos e não apenas a história das políticas.

Michel de Certeau, um expoente da terceira geração da Escola dos Annales, foi um pesquisador que também se inquietou com essa condição da ciência e com a produção da história. Não conformista e movido por múltiplos interesses de pesquisa, interessou-se pelos métodos da antropologia, da linguística e da psicanálise. Debruçou-se sobre a epistemologia da história e das práticas culturais contemporâneas, argumentando a favor da inversão da

usual prática de pesquisa, a partir da consideração da criatividade das pessoas ordinárias (CERTEAU, 2012).

Para Michel de Certeau, os espaços sociais não podem ser entendidos em uma perspectiva de neutralidade. Antes, o espaço é compreendido no contexto dos jogos sociais que o constitui, sendo conceituado como o “[...] efeito produzido pelas operações que orientam, circunstanciam, temporalizam e levam a funcionar os elementos móveis de uma unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais” (CERTEAU, 2008, p. 202).

Com base nessa definição ampla de espaço em Certeau (2008), intentamos ampliar o sentido do termo “espaço biográfico”, cunhado por Phillipe Lejeune no ensaio “O pacto biográfico”, publicado originalmente em 1975, na revista *Poétique*, conforme informa Jovita Maria Gerhein Noronha, organizadora da obra “O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet” (Lejeune, 2008), que reúne vários ensaios do autor.

No ensaio “O pacto biográfico”, Phillipe Lejeune conceitua o espaço biográfico na perspectiva de romper as fronteiras dos gêneros textuais classificados como “autobiografia”, como explica Leonor Arfuch (2010, p. 23): “[...] em prol da pluralidade e tentando inclusive apreender um excedente da literatura, ele chega à formulação de um ‘espaço biográfico’ para dar lugar às diversas formas que assumiu, com o correr dos séculos, a narração inveterada das vidas, notáveis ou ‘obscuras’ [...]”.

Para Lejeune (2008), portanto, o “espaço” é considerado na perspectiva de englobar vários gêneros textuais. De maneira similar, Arfuch (2010, p. 22, grifo da autora), na obra “O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea”, ao explicar como e por que tomou de empréstimo o termo “espaço biográfico”, conceitua-o como: “uma *especialização* [...] onde confluíam, num dado momento, formas dissimilares, suscetíveis de serem consideradas numa interdiscursividade sintomática, [...] mas sem renunciar a uma temporalização, a uma busca de heranças e genealogias [...]”.

Nesse artigo, no entanto, pensamos o “espaço biográfico” a partir da noção de espaço de Certeau (1998, p. 202), como um “lugar praticado” pelos sujeitos, “animado no conjunto dos movimentos que aí se desdobram. O sujeito não é o discurso do outro, a palavra e o silêncio marcam sua alteridade. Assim,

o “biográfico”, nesse espaço, é marcado pelo cruzamento das histórias de vida dos sujeitos, que, nesse estudo, são professores no espaço da escola, os quais constroem no cotidiano das práticas a sua identidade docente.

O espaço biográfico, no âmbito da pesquisa educacional, permite aos sujeitos compreenderem e refletir sobre si mesmos a partir de suas narratividades e seus processos de formação. A pesquisa narrativa, o método biográfico, (auto)biográfico e histórias de vida possuem uma mesma gênese, apesar de suas singularidades.

A partir de Passeggi e Souza (2017, p. 10) podemos considerar quatro orientações das pesquisas do espaço biográfico:

A primeira considera as narrativas autobiográfica como um fenômeno antropológico. Nesse sentido, interessa-se pelos processos de individuação e de socialização dos seres humanos, interrogando-se sobre como nos tornamos quem somos. A segunda orientação utiliza as narrativas como fonte e método de investigação qualitativa, indagando-se sobre práticas sociais, não apenas para produzir conhecimento sobre essas práticas, mas para perceber como os indivíduos dão sentido a elas. A terceira orientação faz uso dessas narrativas como dispositivos de pesquisa-formação, instituindo o sujeito como pessoa interessada no conhecimento que ela produz para si mesma (Souza, 2006 a). Finalmente, a quarta orientação estuda a natureza e a diversidade discursiva das escritas (grafias) da vida (bios).

Ferrarotti (2010) reforça a interdisciplinaridade do Método Biográfico, sobretudo nos estudos da Psicologia, Sociologia e Antropologia. A Psicologia ajuda a compreender as narrativas de atos, sonhos e comportamentos. A Sociologia aponta a natureza relacional e comunicacional do ato de narrar, uma vez que o sujeito não narra apenas sua história, mas a de outros e do grupo ao qual pertence. E o caráter antropológico do narrar é percebido a partir do conceito de universal - singular, pois, para o autor, é possível compreender uma sociedade por uma biografia.

Finger (2010) aponta como realidade das pesquisas do espaço biográfico o saber hermenêutico, que parte da autonomia, do autoconstruir-se, considerando na narrativa os fatores históricos, sociais e culturais, as vivências e experiências na história de vida. Considera o ponto de vista do sujeito por meio da revisitação da memória, da singularidade. Quando se narra ocorre

uma interpretação: não se narra o que aconteceu, mas a interpretação do que aconteceu, e a limitação da memória, inclusive, inventa fatos para preencher lacunas.

Nóvoa (1993) reconhece o potencial formativo integral do método por sua qualidade heurística: a descoberta de si mesmo, o inventar-se. Mas, também reconhece a dificuldade de categorização dos estudos centrados no espaço biográfico. As fronteiras são escorregadias e o que determina a utilização de cada terminologia são pequenas particularidades pautadas por cada autor em sua elaboração conceitual e a própria tradição de sua utilização ao longo do tempo.

Os pontos de convergência entre as diferentes abordagens do espaço biográfico são: a experiência, a temporalidade e a reflexividade. Podemos ainda desdobrar esses tríplexes aspectos em outros, como a singularidade, a polifonia, a narratividade, o enredamento e a reflexividade crítica. Têm uma base comum, que aponta para a pesquisa experiência e se apoia na existencialidade. Partem do princípio epistemológico do interacionismo simbólico.

Tanto Nóvoa (1993), como Ferrarotti (2010) e Finger (2010), apesar das especificidades de suas abordagens, argumentam a importância desse tipo de pesquisa para o campo da educação, em especial os estudos relacionados à formação de professores, que se preocupam com a identidade e os saberes professorais. Há um entendimento, nesses estudos, sobre a influência das diversas etapas de formação para a constituição de uma identidade docente

O conceito de identidade é complexo e o seu campo de saberes é vasto. Diversas áreas do conhecimento, como a Antropologia, a Filosofia, a Psicologia e a Sociologia, têm demonstrado interesse e aprofundamento nos estudos em relação a esse tema. O significado estrito da palavra identidade está relacionado ao conjunto de características de uma pessoa (nome, idade, peso, altura, etc.), porém, em um sentido mais amplo, a construção das identidades permeia e é permeada pelos contextos históricos, sociais e culturais, denotando o “ressalta o caráter construcionista das identidades” (GARCIA, 2010, p. 1).

O que seria então a identidade docente? "Refere-se a um conjunto de características, experiências e posições de sujeito atribuídas (e auto atribuídas)

por diferentes discursos e agentes sociais aos docentes no exercício de suas funções, em instituições educacionais mais ou menos complexas e burocráticas" (GARCIA, 2010, p. 1). A identidade permite aos sujeitos a compreensão de si e dos outros, seu posicionamento no mundo e atuação nos espaços onde estão inseridos.

A identidade docente é a condição de existência do professor, isso nos permite refletir que identidade pessoal e profissional são indistintas, coadunam-se para a constituição dessa identidade a qual estamos interessados em pesquisar.

Feita esta contextualização, neste artigo objetivos relacionar alguns conceitos e teorias de Michel de Certeau com a tríplice fundamentação dos métodos do espaço biográfico, visando compreender a constituição da identidade docente.

Na primeira seção, abordamos a constituição da identidade docente, partindo dos conceitos de ordinariedade e multiplicidade cultural, relacionando-os ao fundamento biográfico da experiência. Em seguida, apresentamos a teoria da escrita da história e a relacionamos com a dimensão da temporalidade presente no espaço biográfico. Por fim, tratamos da relação entre a condição de reflexividade no espaço biográfico e os conceitos de tática e estratégia.

## **A identidade constituída a partir do cotidiano ordinário e das múltiplas culturas**

A identidade docente não é uma representação sobre ser professor, se assim o fosse não haveria a necessidade de reflexão sobre sua constituição. Conforme Giard e Certeau (2012, p. 39), "a presença e a circulação de uma representação (ensinada como o código da promoção socioeconômica por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários." Nessa perspectiva, a análise da manipulação da utilização dos elementos que não são fabricados pelos professores poderia permitir a apreciação das diferenças e semelhanças entre a produção da imagem (docente) e o ser docente - implicando aqui as utilizações em suas práticas ordinárias.

Para Certeau (2012), o sujeito é entendido como um sujeito consumidor, que fabrica o novo a partir de seus comportamentos e das representações por ele recebidas. Em sua obra, o autor privilegia o ato de falar, considerando quatro características: a operação em um campo sistêmico (a língua); a apropriação ou reapropriação da língua; a instauração do tempo relativo a um momento e um lugar; o estabelecimento de um contrato com o outro (rede de lugares e relações).

O espaço biográfico da memória, da narrativa, da lembrança ou do esquecimento é configurado na perspectiva da linguagem, a partir do discurso. Esse espaço pode levar o sujeito que narra a uma reflexividade, pela experiência vivida de uma temporalidade: narramos hoje à luz do que vivemos hoje, calamos hoje o que não queremos revelar ou o que foi esquecido. O esquecimento é um dos conteúdos da memória, e é preciso esquecer ou calar para manter (-se).

A metodologia de narrar, lembrar e refletir acerca de si mesmo destaca, às lentes da ciência, a vida cotidiana e principalmente os sujeitos que nela habitam e transitam. Uma pesquisa que ocupa o espaço biográfico não se caracteriza por técnicas, mas se constitui em um dispositivo vivido por todos, o que demanda envolvimento com esses sujeitos e implicação com o processo de produção de conhecimento.

Certeau, ao analisar como o realismo formal da literatura do século XIX representa, fabrica, vende e consome, pela ficção, o homem ordinário, aponta que este é o anunciado homem sem qualidades, que se constitui na/pela linguagem sem autor, como discurso ou citação indefinida do outro. Delimitado como "cada um" e "ninguém", esse homem ordinário "[...] dá como representação o próprio texto, no e pelo texto, e ele reconhece ainda por cima o caráter universal do lugar particular onde permanece um louco discurso de uma sabedoria sábia" (CERTEAU, 2012, p. 57-58).

Michel de Certeau teve preocupação em desconstruir a singularidade da cultura, anteriormente concebida pelos grupos dominantes. A dominância dos grupos sociais, estabelecida na ordem do poder, colocou em questão o valor das culturas populares em face das eruditas. A observação das práticas ordinárias enraizadas em cada um dos sujeitos permitiu a Certeau entender, em um primeiro momento, que as culturas são plurais (CERTEAU, 1995).

Posteriormente, aprofundou suas reflexões e concebeu a cultura como múltipla (CERTEAU, 2012). Para ele, o ordinário é a maneira como cada sujeito interpreta e lida com a cultura.

A singularidade no espaço biográfico não se constitui na dominância de um fazer científico, mas sim na experiência única da pesquisa. Permite a criação de um método que não é novo no sentido de existência, mas pode ser novo, único e exclusivo no sentido da aplicação.

Michel de Certeau utiliza-se do conceito de bricolagem problematizando a teoria da comunicação e produzindo um desvio dos sujeitos da massificação para a autonomia. As mídias enviam uma mensagem dominadora e de massificação, porém os sujeitos são capazes de receber essas mensagens não de maneira passiva. A bricolagem, para Certeau (2012), é a capacidade desses sujeitos produzirem o novo fazendo uma síntese das informações que recebem.

Isso que os sujeitos fazem com as informações que são a eles distribuídas, ou seja, os objetos entregues, valoriza a individualidade desses sujeitos na sua trajetória pelo mundo. O sujeito não é passivo e submisso, ele pode escapar da mídia, de sua subordinação. Esse sujeito também é capaz de fugir da ordem e compor bricolagens.

É possível dizer que a singularidade do método no espaço biográfico baseia-se em uma concepção semelhante ao conceito de bricolagem proposto por Michel de Certeau. A síntese é aplicada na produção do método, considerando a capacidade de feitura do próprio pesquisador, permitido pelo objeto, a partir do processo da pesquisa. Essa bricolagem é a integração de diversos elementos que inauguram uma forma de fazer artístico e artesanal para a pesquisa, por sua particularidade e polifonia.

A polifonia é aqui entendida não apenas como a diversidade de discursos, mas também de sentidos e expressividade: falar, escrever, ouvir, ler, expressar, e outros elementos que são utilizados para compor essa bricolagem.

Nas pesquisas do espaço biográfico, esses diversos elementos se constituem no movimento: no ouvir ou falar; no ler ou escrever; no expressar-se de um modo artístico ou artesanal. Esse trânsito é tecido na singularidade da

experiência de fazer pesquisa, tornando cada escrita um evento que inaugura uma reflexão.

O enredamento é um conceito criado por Paul Ricoeur (1994), que entende o processo de performatividade na experiência da pesquisa do espaço biográfico, ou seja, é a vivência, é o ser afetado. Quando se ouve ou se narra há produção de compreensão, visão, lembrança e orientação prática. Ao narrar há uma escolha em falar ou calar, e esse processo pode ser considerado como a hermenêutica de si.

O homem ordinário está no espaço cultural do cotidiano, na cultura popular. A cultura popular seria então essas "artes de fazer isto ou aquilo", ou seja, consumos combinatórios e utilitários que impelem a um modo de pensar investido em uma maneira do agir, é "a arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar" (CERTEAU, 2012, p. 41).

A formação docente, parte constituinte da identidade docente, se não for seriamente reflexiva não permite aos professores, sujeitos ordinários, receberem as informações de maneira ativa, possibilitando-os sintetizarem essas informações para produzirem o novo.

A formação de professores basicamente se divide em três etapas. A primeira é a formação da ideia ser professor, ainda quando alunos; a segunda é a formação inicial, oferecida por cursos de graduação nas academias; e a terceira é a formação continuada, que pode ser institucional, pessoal e experiencial, que diz respeito exatamente às práticas culturais.

As práticas culturais são usadas por indivíduos para criar senso de identidade e agência. Ao vermos nossos professores vamos criando em nosso interior uma ideia do que é ser docente, ao passo em que também vamos nos apropriando do modo procedimental e atitudinal não apenas da profissão, mas de uma posição (política/ cultural/ social) de quem ensina algo.

Uma das únicas profissões em que se tem a oportunidade de viver em imersão ao longo de grande parte da vida é a profissão docente, e esse fato interfere na constituição de todos/as os/as professores/as e de cada um/a deles/as. "A profissão docente possui esse diferencial: quando se inicia na profissão já se tem uma larga experiência do campo, mesmo que atuando em outro papel social, o de aluno" (SOUSA; ASSIS, 2017, p. 129).

Esse lugar de aprendizado é a escola. "Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência" (CERTEAU, 2012, p. 184). O lugar é mantido por uma lei, a lei do próprio, que impossibilita duas coisas ocuparem o mesmo lugar, elas podem estar uma ao lado da outra em seu lugar próprio e distinto que o define. O lugar então indica estabilidade, por configurar instantaneamente as posições, enquanto o espaço é lugar praticado, entendido em toda a sua temporalidade e movimento.

O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando percebida na ambiguidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas. Diversamente do lugar, não tem, portanto, nem a univocidade nem a estabilidade de um "próprio" (CERTEAU, 2012, p. 202).

Seguindo mesma lógica dos conceitos de lugar e espaço, Certeau (2012, p. 160) conceitua "cidade" a partir de uma tríplice operação: a produção de um espaço próprio; a sincronização de um sistema que resiste às tradições, o não tempo; e a "criação de um sujeito universal e anônimo, que é a própria cidade". A *cidade* é aquilo que se constrói para a manutenção da ordem, mas é também ao mesmo tempo aquilo capaz de salvar (a si e aos outros). A formação dos professores está nessa ordem.

As experiências escolares são apenas prenúncios do que é ser professor. A institucionalização da docência se dá por outros dois fatores: a formação e o exercício. Para Signorelli (2016, p. 121) "à docência é uma profissão que se constrói cotidianamente num processo que se inicia na formação inicial e continua ao longo do exercício profissional dos professores".

Para Imbernón (2022) os cursos de formação deveriam se pautar justamente nesse processo de viver a realidade pelas experiências. Seria então a prática o norteador para que a formação inicial se efetive e nela se concentre, e não seja apenas um mecanismo para assumir determinada cultura de trabalho.

É essa prática, articulada à teoria e servindo de estímulo para situações formais, que deve levar os/as futuros/as professores/as a articularem também o presente e o passado, de modo que essa articulação produza reflexão interpretativa ou reinterpretativa entre passado e presente, para que se

estruture o futuro intuitivamente ou empiricamente. A mudança é um fator determinante e perene na Educação, ela propicia conhecimentos que se modificam ao longo do tempo e é por esse motivo que “a formação inicial passa a ser uma das várias etapas da formação docente, e não a conclusiva” (OLIVEIRA, 2016, p. 264).

A formação é múltipla e cada professor seguirá sua trajetória de maneira única e exclusiva. Ela é polifônica e não unívoca, ela não se assenta na estabilidade de um "próprio". A formação é, nesse sentido, espaço, ou seja, “um lugar praticado” (CERTEAU, 2012, p. 184).

## **A identidade constituída na narratividade: aproximações entre escrita da história e espaço biográfico**

A história se separou da literatura e da filosofia assumindo seu lugar de narração. Michel de Certeau esteve implicado com a produção da escrita da história, por isso é considerado o pai da historiografia. A historiografia é justamente a produção de narrativa compreensível a partir de um lugar (instituição); por meio de determinada prática (fontes); que produz uma escrita (discurso). Essa operação historiográfica fabrica um lugar entre a vida e a morte.

A historiografia parte do presente em busca de um encontro com o passado (o morto) para voltar ao presente e produzir uma narrativa. Podemos considerar esse movimento da operação historiográfica como a distância que há entre o mundo e a história, o que Certeau afirma ser a epistemologia da distância.

Para Certeau é impossível resgatar um fato histórico porque já passou, o que é possível ao ofício do historiador é fazer uma construção histórica que é ideológica, lacunar, parcial. O historiador tem o compromisso político de olhar para o passado, mas não de restituí-lo, porque o passado é o morto.

A história não está ligada ao objeto, ou seja, ela não é real, mas sim a produção de um discurso sobre o real. Desenvolve-se em determinado regime discursivo de verdades (procedimentos) que parte do presente (lugar). A história não é ciência, mas sim uma narrativa verdadeira. Mas, confessar o

lugar e os procedimentos utilizados para a produção dessa narrativa traz para a pesquisa rigor científico.

Nos métodos do espaço biográfico há um compromisso com a verdade e a narratividade reforça esse compromisso, pois é ao mesmo tempo discurso e enunciação, que aponta para a dimensão temporal da existência e da experiência. Tomamos por discurso o conteúdo, o dito, o enunciado, a posição do sujeito e as práticas sociais as quais eles estão emergidos. A dimensão da existência refere-se ao protagonismo dos sujeitos da pesquisa, que por se tornarem autores tornam-se também autoridades.

A narratividade produz também a inventividade, uma vez que o ato de narrar implica a reinvenção do vivido e não apenas a reprodução de fatos. É essa inventividade que produz autoridade e estabelece relações de poder entre os sujeitos, que são ativos no cotidiano da vida, da sociedade e do processo. O processo de narrar permite a produção da ciência, porque produz uma verdade a partir do acontecimento, possibilitada pela compreensão, pois ao se falar da vida não há distanciamento, mas sim afirmação, verdade e criação.

A produção historiográfica, ou escrita da história tem aspectos comuns com a produção dos métodos do espaço biográfico. Toda narrativa parte de um lugar que age como disciplina, produz em uma determinada prática a partir da pesquisa, e escreve um discurso que é a narrativa historiográfica.

O lugar é institucional e balizador, ele determina e articula o discurso. A determinação do que é histórico sempre tem um fundo social que se encontra com o dispositivo de poder, mas que é interrogado pelo presente. O discurso histórico é então produzido a partir daquele momento e daquela episteme. O lugar é o determinante do que é proibido ou permitido, do dizível e do interdito. O interdito define o que é aceito. Determinados termos emergem em determinados momentos, instituídos pela comunidade e história (instituição).

A prática são os procedimentos, a produção pela pesquisa. É a busca intensificada em procurar fontes históricas, olhar documentos e procurar os possíveis de serem ditos. O processo de subjetivação, do tornar-se historiador, acontece na prática. O lugar assujeita para a prática desenvolver-se e produzir narrativa verdadeira. O procedimento é feito a partir das ruínas (morto) o arquivo é a memória (fonte e arquivo).

O espaço biográfico se reconhece dependente da memória, que é essencial na característica de quem narra. O conceito de memória é polissêmico, mas a utilizamos como um recurso de formação, em contraponto a uma sociedade amnésica da era da informação, na qual as memórias são fragmentadas e fragilizadas e os laços se tornam frágeis, propícios a serem cortados a partir do esquecimento (CATROGA, 2001).

O tempo traz a possibilidade de refletir sobre as experiências e a própria existência. O interesse pelo social coletivo e pelo sujeito individual, pelas organizações sociais e pelas macro e micro histórias implica uma compreensão de ambas as realidades. Há uma dialética construída entre aquele que pergunta e aquele que responde, delineando uma dinâmica particular acerca de quem conduz e quem acompanha.

O que emerge do narrar são os elementos que constituem o inventário de dados (fontes). A pesquisa narrativa recorre aos diversos dispositivos de registro como fonte: a memória, a reconstrução histórica, a documentação do trabalho, a explicitação dos acontecimentos. Todos esses elementos intuem para a construção única do processo da pesquisa, e de sua reflexão.

A prática da historiografia parte da natureza, artificialidade e deixa vestígios. Esses vestígios são novamente artificialidade para tornarem-se documentos históricos. O social recorta o natural para transformar em algo utilitário e o historiador recorta o utilitário transformando-o em documento.

Na prática das pesquisas que utilizam o espaço biográfico, a fala de um sujeito está na ordem do natural, ao ser recortada e artificializada é transformada em uma história da vida contada, função utilitária da comunicação. Ao ser recortada novamente pelo pesquisador, é transformada em documento, uma narrativa autobiográfica.

O passado não é um dado, mas vestígios capazes de nos fazer entender, no presente, que o que era já não é mais. O arquivo é sempre mutante e está na dimensão histórica de preservar determinadas memórias, em um jogo de escalas que acontece na dimensão macro e micro, nos modelos e nos desvios, nas permanências e nas discontinuidades, nas regras e nas exceções. Provoca a percepção sobre o que seria movimento social ou desvio individual.

Compreendendo as relações dialéticas entre a história, as particularidades e as generalidades, percebemos a importância em lembrar as histórias de vida nos processos de formação profissional. Perceber o lugar e os procedimentos em que a formação está assentada pode permitir ao sujeito fazer uma escrita reflexiva de si (memorial) e transformar-se, a partir da inflexão gerada pelo lembrar, selecionar, recortar e artificializar. É possível pensar a identidade docente a partir da escrita da (sua) história.

A escrita produz uma inversão, inicia-se pelo fim para fazer a representação histórica. Essa representação narrativa é parte do recorte das infinitudes das fontes para uma finitude, uma escrita com começo, meio e fim. A inversão escriturária é a lei mascarada da cronologia, o presente é o início, o ponto de partida é o lugar da produção, e o fim torna-se o lugar de chegada nesse mesmo ponto de partida. O lugar de produção vira o lugar produzido pelo texto (CERTEAU, 2002).

Essa escrita, para Certeau, é folheada, ou seja, referenciada por citações, fontes, biografias. São essas referências que legitimam a escrita e oferece-lhe um grau de confiabilidade e rigor, pela possibilidade de verificação das fontes. O trabalho historiográfico, assim como o trabalho do pesquisador do espaço biográfico, é um trabalho de seleção e estabelecimento, capaz de produzir um encontro, no presente, entre os esquecidos, os derrotados, o morto e o leitor.

## **A reflexão da identidade docente na/para autoformação**

A reflexividade crítica no método do espaço biográfico se dá pelo fato de que a ciência produzida é formação para a transformação. A relação vivência e reflexão se dá pela experiência. As histórias de vida possibilitam essa reflexão porque há uma imbricação entre o pessoal e o profissional. Narrar uma história de si e sobre si é possibilitar que pessoas em seus cotidianos e suas singularidades façam a história em uma relação dialética e dialógica, a partir não apenas desses sujeitos, mas também de suas determinantes e suas contingências. Gaston Pineau (2006) refletiu esse processo como histórias de vida em formação.

No espaço biográfico, a Pesquisa Narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2015) utiliza-se da história, do relato, enquanto fenômeno, um processo de investigação dissertativo. Não importa apenas o que se narra, mas também como, para que e para quem que se narra. A narrativa é metodológica no sentido de ser metassetiônica, pois se preocupa com o que acontece com o sujeito quando recupera um acontecido. O processo de que se narra e como se narra influi na compreensão do próprio sujeito, são processos transformadores que se pautam na própria experiência do narrar.

Já o método (auto)biográfico e de histórias de vida (NÓVOA, 1993; PINEAU, 2006) acentua o protagonismo dos participantes e enfatiza o acompanhar, o se reconhecer e as transformações no processo da pesquisa. Apreende pelas sutilezas, pelo que é menos visível até o mais visível permitindo uma tomada de consciência das histórias de forma gradativa.

A produção de histórias de vida é uma maneira de pesquisar a partir da pluralidade das histórias. A biografia polifônica parte do singular ao encontro do plural e do plural em direção ao singular. Deseja contar uma grande história privilegiando as várias histórias de vida e valorizando as singularidades para compor uma grande narrativa. As singularidades permitem apreender do geral e a configuração geral permite compreender a individualidade.

As histórias são reconhecidas em grupos e narradas em suas individualidades e coletividades. Os múltiplos recursos expressivos como ver, ouvir, sentir e ler histórias de reconhecimentos permite a um coletivo admitir-se tal como o é, a partir de suas singularidades ao mesmo passo que essas experiências coletivas produz reflexão e reconhecimento sobre si em cada indivíduo.

Podemos pensar que a prática docente e a experiência na profissão constituem-se em um espaço para a reflexão de si e contribuem para a construção da identidade profissional. A experiência não é associada ao desenvolvimento profissional apenas nas pesquisas em Educação, mas nelas esse conceito de desenvolvimento profissional é tão intenso que passa a denominar o próprio processo de formação, definindo-o como os “conhecimentos que se adquirem ao longo da vida” (OLIVEIRA, 2016, p. 264).

Esses conhecimentos, articulados à formação inicial e à experiência enquanto discente, tensionam a identidade docente e muitas vezes impulsiona

o professor a uma formação não institucionalizada e obrigatória. Essa busca pelo devir conduz o/a docente ao desenvolvimento não apenas técnico, pedagógico, teórico ou da própria prática, mas o faz refletir sobre si, de uma maneira que é (auto)formativa e com grande potencial transformador.

O processo de narrar as próprias experiências tem pertinência porque não é apenas uma coleta ou produção de dados, é interação influenciada pelas vivências, influente nos próprios processos vivenciais, reflexivos e formativos, pois o pesquisador do espaço biográfico está interessado em provocar a reflexividade do sujeito que narra. Tem, portanto, um sentido superador em relação aos acontecimentos datados e à narrativa de uma história com linearidade cronológica. Embora essas narrativas não sejam excluídas, o interesse maior desse pesquisador é nas histórias de vida refeitas.

É na prática do cotidiano que os sujeitos ordinários são capazes de subverter a ordem. Com suas astúcias, dão golpes, quando na ausência do poder ao qual se submete. Utilizam-se de estratégias e táticas. A estratégia é o lugar da instituição que enuncia e onde os sujeitos ordinários se movem. As táticas estão aliadas ao tempo, aproveitando a ausência do olhar panóptico, são os movimentos que permitem os golpes de astúcias (CERTEAU, 2012).

Para Certeau, a escola tem por função reproduzir a ordem vigente, mas os sujeitos que transitam naquele espaço promovem as mudanças. A reflexão do professor sobre si, seu processo de formação e sua identidade docente devem promover a oportunidade de novos golpes. O processo de autoformação, especialmente a partir da narração, permite a apreensão de novas táticas.

## Considerações finais

É possível afirmar que os estudos de Michel de Certeau e a ascensão dos métodos do espaço biográfico pelas Ciências Sociais são contemporâneos, estão situados na crise dos paradigmas e desejam romper a dureza das ciências positivistas e dos métodos cartesianos. Suas preocupações são singulares em relação à valorização do sujeito ordinário em suas práticas cotidianas.

Os professores são esses sujeitos ordinários inseridos nas múltiplas culturas. Essas múltiplas culturas e seus cotidianos produzem uma capacidade de sintetizar as informações recebidas. O processo de formação é capaz de inculcar diversificados elementos culturais e os saberes docentes necessários para a constituição da identidade profissional. Ao produzirem uma narrativa, a singularidade, a polifonia e o enredamento nos métodos do espaço biográfico permitem ao professor perceber que sua constituição identitária é artística e científica, são bricolagens de técnicas, saberes e fazeres.

A compreensão sobre o processo de formação para o trabalho docente nos faz assentir que a presença de professores ordinários com formação crítica tem potencial para transformar, com suas práticas, o lugar escolar em espaço escolar. As práticas culturais são formas de resistência e de criação de novos sentidos e significados, formam novas ideias capazes de desafiar as narrativas dominantes e as instituições que detêm o poder e a ordem vigente.

A identidade docente é produzida em uma história, em um discurso certificado como verdadeiro. Ao considerar a narratividade da história e do método entendemos que os professores têm voz, produzem discursos e narrativas, não são apenas subordinados às narrativas dominantes. Seus processos de formação são fontes para a produção de uma narrativa no presente e, ao serem revisitados, são capazes de produzir ação transformadora e reflexiva, ou seja, a narração verdadeira.

Os métodos do espaço biográfico como autoformação podem ser uma forma de fomento e produção da cultura de resistência e subversão, proposta por Michel de Certeau. Podem também contribuir para a construção da identidade docente, de forma autônoma e criativa.

Em síntese, podemos concluir que é possível estabelecer aproximações entre alguns conceitos de Certeau e as premissas dos métodos do espaço biográfico. Certeau compreendeu a educação como prática libertadora e, por ser um homem da palavra e da escuta, forjado também pela Psicanálise, deixou como legado a escuta do outro no ambiente educacional. Os métodos do espaço biográfico possibilitam a escuta das histórias de vida e formação desses professores, carregadas de instituições e singularidades, do dizível e do interdito. Ouvir os professores contribui para que eles sejam provocados a pensar sobre os processos de construção da sua identidade, sobre o porquê e

o como se tornaram os profissionais que são, e quais os movimentos formativos necessários para se tornarem os profissionais que desejam ser. Para além disso, contribui também para a constituição de outras práticas formativas e de novas políticas públicas voltadas ao desenvolvimento profissional docente.

## Referências

- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- CATROGA, Fernando. Memória e história. *In: PESAVENTO, Sandra Jathay (Org). Fronteira do milênio*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2001. p. 43-69.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1995. (Coleção Travessia do Século).
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CLANDININ; Jean; CONNELLY, Michael. *Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa*. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. 2. ed. rev. Uberlândia: EDUFU, 2015.
- FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. *In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias (Org). O método (auto)biográfico e a formação*. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010, p. 33-57.
- FINGER, Mathias. As implicações sócio-epistemológicas do método biográfico. *In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias (Org). O método (auto)biográfico e a formação*. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010 p. 121-128.
- GARCIA, Maria Manoela. Identidade docente. *In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Adriana Maria Cancelli; VIEIRA, Lívia Maria Fraga. Dicionário: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010, np. CDROM.
- IMBERNÓN, Francisco. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2022. (Questões da nossa época, v. 14).
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Organização de Jovita Maria Garheim Noronha; Tradução de Jovita Maria

Garheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

NÓVOA, António (Org.) *Vidas de professores*. Porto, Porto Editora, 1993.

OLIVEIRA, Silvia Matsuoka. Os novos espaços da formação continuada e o papel mediador do professor FORMADOR. *In: ANDRÉ, Marli. Práticas inovadoras na formação de professores*. Campinas: Papirus, 2016, p. 263-282.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: esboço de suas Configurações no Campo Educacional. *Investigación Cualitativa*, Madri, v. 2, n. 1, p. 6-26, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.23935/2016/01032>

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 329-343, maio/ago. 2006.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, tomo III, 1994.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 3. ed. São Paulo: Cortez; 2005.

SIGNORELLI, Gláucia. O diário de campo como ferramenta de apoio ao processo de aprender a ser professor. *In: ANDRÉ, M. Práticas inovadoras na formação de professores*. Campinas: Papirus, 2016.

SOUSA, Sandra Novais; ASSIS, J. H. V. P. Habitus professoral e políticas de formação: um estudo a partir da história de vida de uma professora alfabetizadora. *In: REBOLO, Flavinês; BROSTOLIN, Marta Regina; NOGUEIRA, Eliane Greice Davanço. (Org.). Histórias de professores: vida, formação e trabalho docente na contemporaneidade*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2017. p. 129-149.

Recebido em: 01/10/2023.

Aceito em: 11/01/2024.

### **Julio Cesar Floriano dos Santos**

Mestrando em Educação do Programa de pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da faculdade de Educação (FAED) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), especialista em Educação Especial: atendimento educacional especializado (UFMS) e Docência na Educação Infantil (UFMS), licenciado e bacharel em Educação Física (UFMS). Professor da educação básica na rede pública municipal de Campo Grande – MS. Participante do Grupo de Estudo e Pesquisas em Narrativas Formativas (Gepenaf). Tem interesse em

estudos sobre identidade docente, educação infantil, educação física e pesquisa narrativa.

✉ [julio.santos@ufms.br](mailto:julio.santos@ufms.br)

🌐 <http://lattes.cnpq.br/4008578949931483>

🆔 <http://orcid.org/0009-0007-2602-5168>

### **Raquel Quintina Pereira Bard**

Mestranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Faculdade de Educação (FAED) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), especialista em Educação Infantil e Anos iniciais (FAVENI), licenciada em Pedagogia (UFG). Participante do Grupo de Estudo e Pesquisas em Narrativas Formativas (Gepenaf). Tem interesses em estudos sobre educação infantil, formação docente e pesquisa narrativa.

✉ [raquel.quintina.bard@ufms.br](mailto:raquel.quintina.bard@ufms.br)

🌐 <http://lattes.cnpq.br/0227080390040973>

🆔 <http://orcid.org/0009-0002-1032-3973>

### **Sandra Novais Sousa**

Doutora em Educação (UFMS), mestra em Educação (UEMS), especialista em Alfabetização (IESF), Coordenação Pedagógica (UCDB) e Gestão Escolar (UNIASSEVI), licenciada em Pedagogia (UNIFIMES). Docente da Faculdade de Educação (FAED) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Líder do Grupo de Estudo e Pesquisas em Narrativas Formativas (Gepenaf). Tem interesse em estudos sobre narrativas docentes e infantis, método biográfico, formação inicial e continuada, iniciação à docência, alfabetização e educação infantil.

✉ [Sandra.novais@ufms.br](mailto:Sandra.novais@ufms.br)

🌐 <http://lattes.cnpq.br/4008558849922269>

🆔 <http://orcid.org/0000-0003-0007-0398>